



FORTALEZA | 1 - 4 ABRIL | 2025

Hospital Veterinário Escola da UniLeão | Juazeiro do Norte | CE
Lins Arquitetos Associados
Foto Joana França

A TERRA DÁ, A ARQUITETURA QUER: ESCRITO SOBRE A PRODUÇÃO DO AZUL PITANGA ATELIÊ CRIATIVO

*THE EARTH GIVES, ARCHITECTURE WANTS: WRITING ON THE PRODUCTION OF AZUL
PITANGA CREATIVE STUDIO*

*LA TIERRA DA, LA ARQUITECTURA QUIERE: ESCRITO SOBRE LA PRODUCCIÓN DE AZUL
PITANGA TALLER CREATIVO*

FRONTEIRAS ESPACIAIS

ANDRADE, Manuella Marianna C. R. de

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie;
Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas
manuella.andrade@fau.ufal.br

A TERRA DÁ, A ARQUITETURA QUER: ESCRITO SOBRE A PRODUÇÃO DO AZUL PITANGA ATELIÊ CRIATIVO

RESUMO

O presente artigo objetiva examinar, refletir e se aproximar da consciência do significado de parte da arquitetura contemporânea expressa pela produção residencial do Azul Pitanga Ateliê Criativo de Arquiteturas e Afetos. Três foram as bases de informações para três distintas residências. Para a Casa Refúgio do Sol foram analisados dois textos escritos pelo escritório, visando compreender as vicissitudes textual. Para Casa VV o discurso foi expresso pelas impressões pessoais em visita à casa e para a Casa Pátio-Catimbau a análise interpretou os desenhos do processo criativo do projeto. Os distintos procedimentos se justificam pelos distintos objetos. A postura reflexiva e crítica aproximou as obras do ateliê ao contracolonialismo de Antonio Bispo dos Santos e apontou a terra – o natural – como o principal componente do significado atuante em espaço fronteiriço.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura. contemporânea. terra. Azul Pitanga.

ABSTRACT

The aim of this article is to examine, reflect on and get closer to an awareness of the meaning of some of the contemporary architecture expressed by the residential production of Azul Pitanga Ateliê Criativo de Arquiteturas e Afetos. Three different residences were the basis of information. For Casa Refúgio do Sol, two texts written by the firm were analyzed in order to understand the textual vicissitudes. For Casa VV, the discourse was expressed through personal impressions during a visit to the house and for Casa Pátio-Catimbau, the analysis interpreted the drawings from the project's creative process. The different procedures are justified by the different objects. The reflective and critical stance brought the studio's works closer to the counter-colonialism of Antonio Bispo dos Santos and pointed to the land - the natural - as the main component of meaning operating in a border space.

KEYWORDS: architecture. contemporary. earth. Blue Pitanga.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es examinar, reflexionar y aproximarse al significado de parte de la arquitectura contemporánea expresada por la producción residencial de Azul Pitanga Ateliê Criativo de Arquiteturas e Afetos. Se analizaron tres residencias diferentes. Para la Casa Refúgio do Sol, fueron analizados dos textos escritos por la empresa para comprender las vicisitudes textuales. Para la Casa VV, el discurso se expresó a través de impresiones personales durante una visita a la casa y para la Casa Pátio-Catimbau, el análisis interpretó los dibujos del proceso creativo del proyecto. Los distintos procedimientos se justifican por los diferentes objetos. La postura reflexiva y crítica acercó las obras del estudio al contracolonialismo de Antonio Bispo dos Santos y señaló la tierra -lo natural- como principal componente de significado que opera en un espacio fronterizo.

PALABRAS-CLAVE: arquitectura. contemporánea. tierra. Azul Pitanga.

INTRODUÇÃO

A dimensão da Arquitetura está em “metástase” produtivista. Vasquez Ramos (2024, p.16) acaba de nos expor, dentro de um panorama histórico, o engolimento da definição da Arquitetura, “que não passa de um investimento financeiro no circuito do rendimento do capital imobiliário”, ressaltando que nem a “economia verde” está isenta dessa areia movediça, como disse. Em acordo com sua reflexão realista, e tomando uma ínfima fração desse sistema produtivista onde qualquer dimensão natural é transformada em mercadoria, o presente artigo tem a terra, o barro, como um sopro de calmaria no afundamento da Arquitetura. Talvez uma romântica esperança de mudança, mas consciente da já devoração capitalista, a terra, o barro, o adobe, a taipa, estão incorporados ao sistema “inovador” de financeirização da construção. Já virou modismo.

No entanto, mesmo bombardeada por essa realidade (que tende a ser pessimista), acredita-se que há respiros de existências que exemplificam outros modos de haver a terra que neste artigo será apresentado pela produção do Azul Pitanga Ateliê Criativo. Fundado por Carolina Mapurunga e André Moraes, ambos formados pela UFPE respectivamente em 2011 e 2008, o escritório iniciou suas atividades em 2018 e, atualmente, está situado em Juazeiro do Norte. Dois jovens orquestrados pelo equilíbrio entre o pragmatismo e a sensibilidade, proporcionam uma arquitetura que respeita a terra, pois dela tira e a ela devolve arquiteturas em taipa no sentido Antônio Bispo de reflexão: “Cada moradia deve ser arquitetada com matéria local, essa é uma primeira grande questão. Todo bioma, todo ambiente, todo lugar nos oferta as condições para viver ali” (Santos, 2023, p.60).

Esse artigo objetiva ser uma reflexão para tomada de consciência do significado (Waisman, 2013) que possa vir a ser atuar da terra para a terra, por meio do ato de examinar e julgar a produção residencial do escritório Azul Pitanga (AZPT), de modo a inquirir as atitudes e resultados (Zein, 2018). Três residências unifamiliares irão ilustrar o artigo. A escolha derivou de dois fatores, primeiro a visita a Juazeiro que permitiu conhecer a casa Refúgio do Sol, externamente, e a Casa VV; e segundo o acesso a representação gráfica e apresentação do projeto da Casa Catimbau, cedido pelo escritório. Com três denominadores comuns – são residências, utilizam a terra e são de autoria do mesmo ateliê criativo, a possibilidade em apreender por distintos procedimentos advém da consciência científica que o objeto é que infere na definição do procedimento.

Nesse sentido, como a casa Refúgio do Sol era a obra mais divulgada em plataformas especializadas, foi utilizado a análise do discurso para entender o conjunto de crenças, valores e atitudes intelectuais que podem ser apreendidos pelas publicações com textos direcionados pelos próprios autores. Essa atitude considera a obra indissociável dos sujeitos sociais e culturais, a dupla do AZPT. Para a Casa VV, a experiência pessoal vivida na residência conduzirá a apresentação e interpretação qualitativa do resultado da obra, expressa textualmente e com fotografias próprias. E, para a Casa Pátio-Catimbau, a análise não realizou nenhum tipo de questionamento direto ao escritório e nem acessou o que já foi escrito sobre a obra. Restringiu-se à leitura e interpretação do documento cedido, junto ao projeto arquitetônico, auxiliada por imagens fotográficas da obra edificada. A postura analítica irá especular sobre a relação entre a atitude do traço criativo e o resultado da obra. Independente do procedimento, o que interessa é desvelar o significado dado à terra por meio da análise (não ingênua) dos textos e das obras e tendo sempre Nego Bispo como “guia espiritual” desse artigo.

Três obras, três procedimentos apropriados a cada caráter do objeto em análise, intuindo as várias camadas possíveis de aproximação ao exercício prático a fim de respirar uma contemporaneidade arquitetônica que anuncia um futuro possível.

REFÚGIO DO SOL

Dois textos que caracterizam um memorial explicativo da obra foram utilizados como referência para a análise do discurso: um ilustra o site do escritório (Tx1) e o outro foi publicado no portal Archdaily (Tx2). De modo distinto, ambos apontam uma escrita poética, enunciando os sujeitos históricos e sociais ao leitor que, de um texto para o outro, apresentam camadas distintas. Se no Tx1, o discurso anuncia uma perda (ou um processo de perda) ao começar pedindo “por mais licenças [1] poéticas [2]” (AZPT, 2004), no Tx2 a escrita posiciona uma proximidade a matriz africana ao ser a metáfora poética para escrever sobre o Refúgio do Sol (AZULPITANGA, 2004).

Os dois discursos não são conflitantes, mas demonstram a sedimentação de crenças dentro de um processo de construção dos sujeitos. No Tx1, a escrita é munida por um autor externo, Juhani Pallasmaa (AZPT, 2004); no Tx2 só os sujeitos escritores, conscientes de sua ancestralidade, anunciam a casa como descendente africano (AZULPITANGA, 2004). Essa distinção é vista como parte de um contínuo, onde os sujeitos se constroem pelo intelecto e reflexão de modo mútuo.

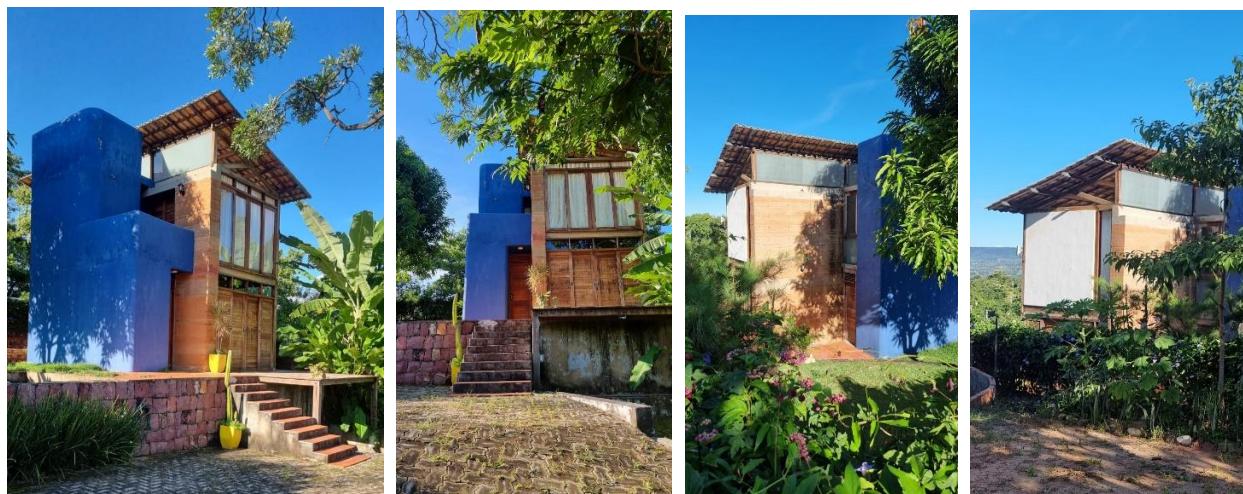


Figura 01 – Imagens da casa Refúgio do Sol.

Fonte: Autora, 2024.

A necessidade de se posicionar e explicar a cada nota (são quatro) que seres-são esses sujeitos que se alimentam de poesia para propor e construir uma arquitetura ainda existe nos sujeitos do Tx2, mas não como um pedido de “licença” e sim como seres-que-são diante de uma realidade que aparenta antipoética. Essa postura explicita a crença na arquitetura enquanto um ato de sensibilidade. A primeira nota do Tx1 coloca os sujeitos inseridos em suas tradições nordestinas. Pedir licença não é apenas “uma expressão coloquial” (AZPT, 2024) é um modo de viver. Trazer o pedido à “paisagem, natureza, orixás” (AZPT, 2024) é um ato de retomada de uma ancestralidade cosmológica que nos foi retida.

Mas esses sujeitos estão no turbilhão existencial da contemporaneidade: se pede licença a natureza em respeito ao que ela dá, mas se quer manifesto [nota 2] ao entender que a arquitetura é quem dá significado a vida com uma mistura indissociável entre sentimento e razão (AZPT, 2024). O discurso se apresenta contaminado pela visão moderna, humanista e ocidental. Essa dicotomia, esse dilema, esse duelo ainda persistem, mas a práxis dá indícios de que é possível enfraquecê-la. Na terceira nota, mais um dilema: a presença x a virtualidade. No que incide a obra, a presença está fortementeposta na manualidade da bioconstrução vista como “poesia presente” (AZPT, 2024), mas a virtualidade que, no campo da arquitetura pode remontar a perspectiva, é uma presença inconveniente.

A quarta nota é um ato de poesia, a explicação poética do título dado a obra, que se desenvolve no restante do texto, acompanhado de certo pragmatismo ao anunciar a localização, o conforto ambiental, os materiais e técnicas escolhidas. Esse pragmatismo é mais proeminente no Tx2, talvez por uma exigência da plataforma de divulgação, o que ocasionou certo deslize sulista (ou sudestino) ao colocar o Refúgio como “uma elegante casa de campo” (AZULPITANGA, 2024). Essa denominação aponta, mesmo inconscientemente, uma vontade de reconhecimento por parte do outro, pelo que o outro entende, e não pelo que de fato é o Refúgio do Sol “no Sítio Solzinho, na zona rural da Barbalha (CE), na deslumbrante Chapada do Araripe” (AZPT, 2024). Nesse sentido, o Tx1 é mais certeiro ao ser essencialmente os sujeitos que escrevem para seu próprio site:

A REFÚGIO DO SOL carrega várias poéticas: (a) o elemento SOL que rege a vida no dia instituindo o tempo, o acordar e o dormir; (b) o REFÚGIO como a busca pela essência do abrigar, mais simples, mais essencial a vida, sem excessos; (c) o REFÚGIO DO SOL como aquele elemento que acompanha, de um lado o nascer e do outro o pôr do sol (esses lados marcados pela terra da taipa de pilão que se encontra alinhada constituindo esses lados) (AZPT, 2024, s.p.).

No Tx2, a poética pela metáfora africana foi sufocada no decorrer do texto. Se no início anuncia “elementos oriundos do terreiro para dar origem a um abrigo”, no decurso “implantar uma *imponente* parede de taipa de pilão” (AZULPITANGA, 2024, grifo nosso) é a solução. Os adjetivos que surgem no Tx2 – elegante casa; deslumbrante Chapada; imponente parede – não parecem condizer com a “sinergia entre a presença humana e os elementos naturais” (AZULPITANGA, 2024). Diferente de quando se aproxima da metáfora, “os tambores deram espaço para os movimentos corporais de apiloamento e arremeço (sic) da terra (...). Os instrumentos de corda deram lugar a linha de costura para fixar a tela plástica, o esqueleto da argamassa armada (...)” (AZULPITANGA, 2024).

As crenças, valores e atitudes intelectuais dos sujeitos sociais e culturais do Azul Pitanga estremecem no Tx2, mas não rompem com a escolha “epistemológica, de colaborar com a produção da vida” (Krenak, 2022). Não se sabe se a matriz africana foi de fato pertencente a ação reflexiva do projeto em construção ou veio *a posteriori* como uma “licença poética”, mas certamente representa a confluência da terra como elemento significante de um reaver a vida mais ancestral.

CASA VV

Por uma estrada tortuosa sempre guiada por um resplandecer verde da terra ou da Chapada Nacional do Araripe, chegamos em um estreito caminho terroso, onde o carro balança ao solo natural irregular. Ali a Casa VV se apresenta como morada discreta, afinal para que disputar com a Natureza? Uma cerca farpada delimita as longilíneas laterais do terreno e na face frontal, por uma grade desenhada se mostra como diferencial.

No mesmo alinhamento da via, a garagem para o carro é coberta por um pergolado que em breve estará repleto de trepadeiras. Seu solo em ladrilho cerâmico marca a separação da rua por uma grande calha de chão que sustenta e direciona as águas pluviais. Uma pequena rampa te direciona ao caminho lateral. Acompanhando o declive natural do terreno, te conduz a casa fragmentada em três blocos, onde os dois primeiros são dormitórios e o terceiro é a parte social da morada.



Figura 02 – Passagem lateral de acesso à casa.
Fonte: Autora, 2024.



Figura 3 – Detalhe da base.
Fonte: Autora, 2024.



Figura 4 – Parede em pedra de Barbalha.
Fonte: Autora, 2024.



Figura 5 – Fenestração da luz.
Fonte: Autora, 2024.

Num olhar curioso, as três camadas de cores das paredes de taipa de pilão, definidas em cinco fieiras no primeiro dormitório, são ondulantes dominadas pelo manuseio do apiloamento da terra. Enquanto no outro dormitório, a terra se apresenta mais amalgamada como se esmagar fosse menos delineador e mais intuitivo a ponto das fieiras se diluírem em uma superfície irregular ondulante. Uma técnica que se mostra distinta: no primeiro, a mão de obra quis “dominar” a terra e, no segundo, se deixou dominar por ela. Mas a primazia da terra pilada é tão expressiva por si só que se faz unicidade ao percorrer a casa.

Apreender as distintas matérias unidas em harmonia pela construção humana, o concreto, a pedra de Barbalha e a taipa de pilão, que se “fundiram” no embasamento dos blocos dos dormitórios, apontaram um estar com a Terra respeitoso e convidativo. O respeito ao natural e ao modo de viver vem desde a implantação. Os blocos entremeados pelos vazios aproximam o verde, seja mantendo a vegetação existente ou trazendo outros arbustos. O bloco social ao fundo está mais próximo ao que reconhecemos como quintal, seja para contemplar na varanda ou para acessar pela sala, arrodeando o bloco já com os pés na terra; ou mesmo expandindo sua sinergia natural com o entorno da chapada ao subir na laje terraço.

As pedras de Barbalha fazem as paredes das extremidades do bloco social. A madeira de massaranduba das pesadas portas deslizam levemente nos trilhos e urgem a luminosidade e os ventos. O vento cruza com energia por portas não alinhadas, dispostas em diagonal. A luz penetra pelos frisos horizontais, onde a materialidade é expressivamente bem trabalhada e acabada. A sombra percebida te atravessa pela beleza do natural, acalma, acalanta, te fazendo querer morada.

Nessa visita cordial, a casa se apresentou como é apropriada por suas moradoras e estará completa quando os futuros pergolados frente aos blocos estiverem prontos, como aguardam. Nesse breve futuro momento, o balanço da rede e o sentir “o vento no alpendre” serão a expressão do habitar a paisagem. Isso, definitivamente, não é apreendido por nenhuma categoria disciplinar, apenas pelo modo de vida. Essa apreensão da vida cotidiana mostrou como “o ser humano encontra a si mesmo quando se assenta, e assim estabelece seu ‘lugar no mundo’” (Norberg-Schulz, 2023, p.23, tradução nossa).

CASA PÁTIO - CATIMBAU

Com as imagens cedidas pelo Azul Pitanga Ateliê Criativo, a primeira ação analítica observou as informações iniciais do processo de projeto (atitude criativa), sem perder a atenção às imagens da obra construída. A reflexão projetual do escritório principiou com uma “imersão corpo território” (AZPT, 2022) na região do Catimbau, especificamente, nos 16 hectares da propriedade. A “imensidão poética” natural aflorou na poética própria ao escritório. Essa poética é contrário ao dogmatismo, objetivismo e cientificismo. É um exercício constante de se deixar imergir na matéria Terra (enquanto organismo vivo) para confluir o saber orgânico (Santos, 2023) com o que se conhece da disciplina arquitetônica, prevalecendo como diria Lux Vidal “a ideia de habitat equilibrado com o entorno, com a terra, o Sol, a Lua, as estrelas, um habitat que está integrado ao cosmos” (*apud* Krenak, 2022).

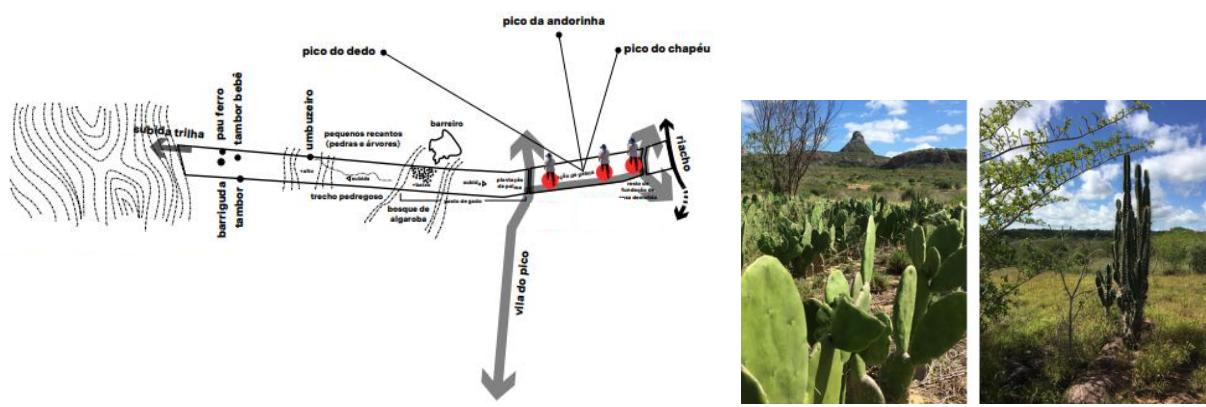


Figura 06 – Registro da imersão pelo escritório AZPT.

Fonte: AZPT, 2022.

Cada registro fotográfico mapeado demonstra a importância do reconhecimento do sítio para o início do trabalho. Dessa imersão se resgata um galho de Catinguera, do qual a configuração natural das folhas parece ter sido o ponto inicial da criação. O ato criativo pelo traço do desenho, transformou a forma natural das folhas em retângulos que, destacados do galho, se arranjaram entorno de um pátio. No entanto, essa composição foi reforçada pelos “saberes tradicionais”, ilustrada por imagens de uma aldeia em Camarões, África, e de um bairro em Mohenjo-Daro, onde “as casas são organizadas ao redor de um pátio central” (Benevolo, 2005, p.39) e pela argumentativa da “fragmentação em módulos” como a estratégia para pensar os espaços e suas atividades.



Figura 07 – As três camadas criativas da Casa Pátio Catimbau.

Fonte: AZPT, 2022.

Essas três camadas criativas demonstram tanto a natureza poética do escritório (inspiração na natureza), quanto a natureza histórica reflexiva (saberes tradicionais) e a natureza disciplinar propositiva (estratégia por módulos) para aproximar a terra em adobe enquanto material compositivo da obra. É nos croquis da fragmentação dos módulos que há a indicação dessa materialidade. A natureza disciplinar do campo da arquitetura que se destaca na explicação do módulo, não é exposta por um olhar racionalista métrico e sim por um olhar da vida, onde são as atividades previstas pela

reflexão na imersão (aqui certamente se inclui os proprietários) são o que definem os módulos. Com isso, encerra-se um ciclo criativo que inicia e finaliza na natureza poética, mesmo entremeada de história, reflexão e pragmatismo. As informações do processo dão indícios que é o modo de vida que realça a matéria construída e não o contrário.

A sequência dos desenhos, ainda intitulado como “processo criativo” (AZPT, 2022) traz uma preocupação com o aproveitamento das águas em função dos componentes hidráulicos e sua distribuição espacial, exemplificada pelo banheiro. O último croqui criativo finaliza com a proposta em si, onde é possível observar alguns princípios. Possivelmente, foi a configuração circular da aleia africana que induziu o arranjo dos módulos, o que demonstra o quanto as explicativas da criação não podem ser vistas de modo sequencial, mas sim como camadas imbrincadas pertencentes a um complexo processo de reflexão na ação (Schön, 2003). Isso é percebido pelo fato de que os módulos retangulares dificultam a forma circular, o que conduziu às inclinações dos prismas, os aproximando a um arranjo mais triangular, e remetendo ao croqui de transformação da folha em retângulos.

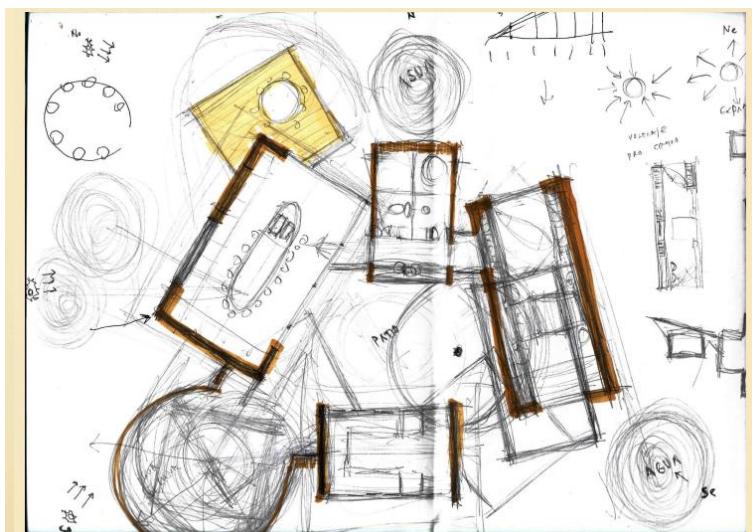


Figura 08 – Croqui de criação da Casa Pátio Catimbau
Fonte: AZPT, 2022.

“Voltar-se para o centro” e “expandir” (AZPT, 2022) é um princípio que atuou conjuntamente, fortalecendo o *tipo* pátio, e permeando a setorização dos módulos. A localização das atividades pode ter sido conduzida pela paisagem e pelo clima. Os módulos coletivos se abrem para o pátio e para paisagem, contemplado a relação exterior x interior, principalmente na cozinha/jantar e no ‘cinema’. O módulo banheiro também dá indício no croqui de permitir uma ligação com o pátio, que na obra edificada configura-se pelo cobogó. O modulo do quarto prioriza a privacidade, conduzindo sua conexão com o exterior mediante o módulo rede/terraço, direcionado ao entrono circundante e não ao pátio.

Quando passa para o desenho de apresentação, as inclinações são abandonadas e a regularidade linear dirigida pelo pátio quadrangular estabelece a forma definitiva da casa. A mudança pode ter decorrido de vários fatores desde a vontade do cliente, passando pelo pragmatismo da disciplina arquitetura presente no escritório, preocupado com a construção da obra. Outra mudança percebida foi no telhado do módulo cozinha. No desenho de apresentação, o módulo da cozinha apresenta uma coberta borboleta. O propósito dessa coberta era a captação de água, entendida pelo ‘terraço água’, assim como pelo prolongamento da calha, mas a obra edificada mostra que cada módulo possui uma única água no telhado. Mesmo com essas mudanças a essência poética se manteve.

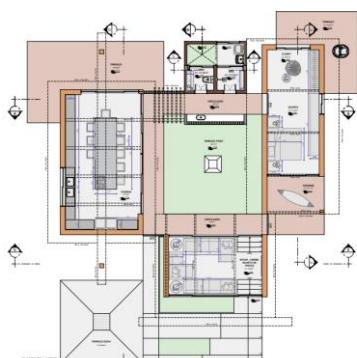


Figura 09 – Planta baixa Casa Pátio Catimbau
Fonte: AZPT, 2022.



Figura 10 – Perspectiva eletrônica Casa Pátio Catimbau
Fonte: AZPT, 2022.



Figura 11 – Casa Pátio Catimbau
Fonte: AZPT, 2024.

REFLEXÃO PARA CONSCIÊNCIA

O discurso analisado sobre o Refúgio do Sol é um “repensar nossos modos de habitar: a íntima conexão entre à Terra inerente às culturas ameríndias e afro-brasileiras” (Guizzo, 2020, p.16). O Sol é uma entidade viva que marca o tempo e requer proteção. Pela manhã é bem-vindo e a tarde esbarra na terra apiloadas. O lugar determinou os materiais, desde a terra para a taipa de mão e de pilão até a argamassa armada “como técnica difundida na construção das cisternas no sertão” (AZPT, 2024). Do lugar se resgatou as tradições populares, que se disseminou como um vírus bom nas entradas dos sujeitos sociais do escritório picados pela proximidade e admiração com a prática dissidente da narrativa não oficial do Ciçô.

Esse sujeito-outro, que aparece nos créditos dos discursos analisados, foi, no universo das descobertas, essencial para formação de parte da poesia do AZPT. Tatuou na práxis da arquitetura do escritório, o manusear a terra em sintonia com ela como indispensável sempre que a terra disser que dá. Esse *habitus* adquirido se firma como crença e se espalha pelas casas apresentadas.

Como dito, os dois textos analisados não são conflitantes, mas dão indícios dos sujeitos que escrevem sobre a própria produção enquanto dupla complementariedade. O discurso é poeticamente direcionado pela sensibilidade reflexiva que comprehende os desafios da existência contemporânea – se aproximar dos distintos “modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vidas” (Santos, 2023, p.23), assim como pela pragmática consciência da “realização concreta no mundo das coisas construídas” (Ramos, 2024, p.09). Essa questão também é percebida na casa Pátio-Catimbau com o abandono da inclinação dos módulos. A inclinação como uma “desobediência” teria dentro de si uma contradição, vista como um obstáculo ao desenvolvimento “natural” da forma regular (Borie; Micheloni; Pinon, 2008). Num olhar crítico, prevaleceu a tradição multicultural colonial advinda de trocas culturais históricas da arquitetura ocidental e nacional onde a forma regular é mais condizente, menos questionável.

A mudança no arranjo formal da casa Pátio-Catimbau não enfraqueceu a poesia proposta porque os módulos não são definidos por uma regularidade rítmica dos componentes estruturais (aos modos modernos) e sim pela dinâmica da vida humana (moradores e atividades) e da natural (terra e paisagem). A terra apiloadas, a paisagem circundante emoldurada pelas janelas ou inebriante à vista, as madeiras de demolições que definem a coberta, são parte de uma circularidade orgânica vinda de

uma práxis discursiva ou projetual que “não se trata de um pensamento binário, mas de um pensamento fronteiriço” (Santos, 2023, p.30).

O habitar citado na Casa VV “implica o estabelecimento de uma relação significativa entre o ser humano e um determinado entorno” (Norberg-Schulz, 2023, p.23, tradução nossa) como acontece nas duas outras moradas. Refletindo sobre as três casas, a mais adequada interpretação que se apresenta parece mesmo ser a de habitar. Contudo, mais do que a distinção sugerida para discutir o habitar no assentamento, no espaço público, no edifício público e na casa, Norberg-Schulz (2023) aponta a *morfologia, a topologia e a tipologia* como componentes interdependentes para discutir aspectos e modalidades de habitar.

Esses componentes, proveniente do campo disciplinar da Arquitetura, possuem certa amabilidade conceitual, mas foram sistematizados pelo universo ocidental. Aqui a interpretação do habitar quer se aproximar do contracolonialismo de Antônio Bispo dos Santos. Porque a moradia não está só entre o céu e a terra, ela emerge da terra. Sua matéria, seus limites espaciais (*morfologia*) vêm da terra, seja pelo barro ou pelas pedras. “(...) todo lugar nos oferta as condições para viver ali” (Santos, 2020, p.60) e nesse sentido, não só os materiais, mas a organização espacial (*topológica*) proposta ao compreender o potencial natural do terreno, seja longilíneo que se alarga aos fundos proporcionando o quintal na casa VV, ou a imensidão natural do Vale do Catimbau, ou a pequena porção de terra do Refúgio do Sol entendido pelo natural, sua relação com as águas, com o sol e com a paisagem fazem do habitar parte natural do existir em sintonia com o meio.

Nesse sentido, o Refúgio do Sol, a Casa VV e a Casa Catimbau são o bioma, são continuidade da terra. O Refúgio se assenta mais ao alto no platô construído para alcançar a copa da flora circundante e saudar a chapada. Na casa VV, o caminho para os blocos ou por entre eles é pertencente ao natural, é externo. O arranjo linear e separado dos blocos é um arquétipo (*tipologia*) inusitado. O pátio na casa Catimbau também é um arquétipo, menos inusitado, mas não menos reflexivo. Ambos são mais um modo de vida do que uma vida determinada. O erguer da terra, entremeada por quintais ou pátio, considerou o modo de morar como um componente primordial pensado não junto, mas a partir do natural que, além do que já foi citado, é também o luar, as estrelas, os ventos, a sombra e o quanto mais se possa compreender a vida pelo tempo natural.

CONSIDERAÇÕES

O proposital trocadilho no título do artigo com o título do livro de Antônio Bispo dos Santos quer apontar essa contemporânea condição de ser fora de categorias (ou pelo menos tentar). Dentro dos 600 anos de história e entendimento da Arquitetura no campo da teoria, tudo se fundamenta em categorias (Ramos, 2024) vindas do mundo ocidental. A objetividade científica em definir os procedimentos em função dos objetos advém desse mundo e está tão entranhado que só se percebe em momentos de autorreflexão como agora. A tomada de consciência para desvelar o significado da terra na produção residencial do Azul Pitanga não se deixou aflorar por definição de categoria(s). Apenas buscou apontar o modo como a terra se fez fio condutor para poesia, para o envolvimento com o lugar, com o natural, com a tradição, com a ancestralidade. Da terra e por meio dela se compartilhou práticas, se adequou conhecimentos, se fez contemporâneo ao reativar sua existência natural em consonância com o corpo e suas atividades.

A própria reflexão de Antônio Bispo para se fazer crível “semeia palavras” para entrar no “jogo das denominações” e contrariar o estabelecido, fortalecendo “as palavras que estão esquecidas” (Santos, 2020, p.13). Nego Bispo foi neste artigo o sussurro das impressões advindas pelo pensamento crítico,

assim como ele fez nos próprios escritos. No lugar de desenvolvimento, *envolvimento*; no desenvolvimento sustentável, *biointeração*; para coincidência, *confluência*; para o saber sintético, o *orgânico*; para transporte, a *transfluência*; para dinheiro, o *compartilhamento*; para colonização, a *contracolonização* (Santos, 2020). Essas “outras” palavras certamente se apresentam nas obras do escritório Azul Pitanga, mas não são prioridade na produção contemporânea da arquitetura como um todo. São suspiros de existências na luta contra o sistema hegemônico de financeirização e acumulação do capital e, até mesmo, científico.

O Azul Pitanga Ateliê Criativo nos compadece ao entender sua obra como “o regresso do futuro sobre a produção do conhecimento” (Quijano, 2019, p. 291). Se “desde sempre” o horizonte futuro na arquitetura é definido pelo progresso, pelo desenvolvimento e pela industrialização, na atualidade a resistência a essas questões com o retorno à vida é, na arquitetura, um regressar ao conhecimento ancestral ou não oficial do autodidata, artesão, índio ou quilombola. Todos em confluência, compartilhando, pois “quando a gente confluência, a gente não deixa de ser gente, a gente passa a ser a gente e a outra gente – a gente rende” (Santos, 2020, p.15).

É essa a percepção, o sentimento e a sensação que se tem quando se estar diante das obras e dos sujeitos históricos e sociais que conceberam as obras apresentadas. É como se a cada palavra ou a cada elemento arquitetônico, o outro, seja cliente ou mestre de obra, gerou uma confluência de conhecimento que germinou nos sujeitos. A arquitetura das casas advém dessa força que incandesce a produção contemporânea da arquitetura brasileira e permite ofuscar aqueles que não entendem à primeira vista o significado de produzir no espaço fronteiriço.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as proprietárias da Casa VV por abrir sua morada e deixar revelar seu habitar e a Mapu e André pela visita guiada, por disponibilizar os desenhos, pela troca de energia, palavras, ideias e almas.

REFERÊNCIAS

AZPT, Azul Pitanga Ateliê Criativo de Arquitetura e Afetos. **Casa Pátio, Vale do Catimbau**, 2022. (disponibilizado em pdf)

AZPT, Azul Pitanga Ateliê Criativo de Arquitetura e Afetos. **Refúgio do sol**. Disponível em: <https://www.azulpitanga.com.br/refugio-do-sol> Acesso em: 28 de agosto 2024

AZULPITANGA, "Refúgio do Sol" 17 Fev 2024. **ArchDaily Brasil**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1012789/refugio-do-sol-azulpitanga> Acesso 13 Set 2024.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BORIE, Alain; MICHELEONI, Pierre; PINON, Pierre. **Forma y deformación**: de los objetos arquitectónicos y urbanos. Barcelona: Reverté, 2008.

GUIZZO, Iazana. **Reativar territórios**: o corpo e o afeto na questão do projeto participativo. Belo Horizonte: Quital Edições, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **El concepto de habitar**: el asentamiento, el espacio urbano, el edificio público, la casa. Barcelona: Reverté, 2023.

QUIJANO, Anibal. **Anibal Quijano**: ensayos en torno a la colonialidad del poder. 1ed. Cuidad de Buenos Aires: Del Signo, 2019.

RAMOS, Fernando G. Vázquez. A progressiva dissolução da definição de Arquitetura: reflexões sobre as areias movediças da condição contemporânea. **Paranoá**, v. 17, e51076, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/51076>. Acesso em 28 agost 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SCHÖN, Donald. **Educando um profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WAISMAN, Marina. **O interior da história**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ZEIN, Ruth. **Leituras críticas**. São Paulo: Romano Guerra; Austin: Nhamerica, 2018.